

INNODOCT/17

“ INTERNATIONAL CONFERENCE ON INNOVATION,
DOCUMENTATION AND EDUCATION”

Editores

Fernando Garrigós Simón

Sofía Estellés Miguel

Ismael Lengua Lengua

José Onofre Montesa

Carlos M. Dema Pérez

Juan Vicente Oltra Gutiérrez

Yeamduan Narangajavana

María José Verdecho Sáez



UNIVERSITAT
POLITÈCNICA
DE VALÈNCIA

EDITORIAL

UNIVERSITAT POLITÈCNICA DE VALÈNCIA

Editores

Fernando J. Garrigós Simón

Sofía Estellés Miguel

Ismael Lengua Lengua

José Onofre Montesa

Carlos M. Dema Pérez

Juan Vicente Oltra Gutiérrez

Yeamduan Narangajavana

María José Verdecho Sáez

INNODOCT/17

**“INTERNATIONAL CONFERENCE ON INNOVATION,
DOCUMENTATION AND EDUCATION”**

EDITORIAL

UNIVERSITAT POLITÈCNICA DE VALÈNCIA

Colección Congresos

Los contenidos de esta publicación han sido evaluados por el Comité Científico que en ella se relaciona y según el procedimiento que se recoge en <http://www.innodoct.com>

© Editores: Fernando J. Garrigós Simón
Sofía Estellés Miguel
Ismael Lengua Lengua
José Onofre Montesa
Carlos M. Dema Pérez
Juan Vicente Oltra Rodríguez
Yeamduan Narangajavana
María JOSé Verdecho Sáez

Diseño portada: Ismael Lengua Lengua

© 2018, Editorial Universitat Politècnica de València
www.lalibreria.upv.es / Ref: 6396_01_01_01

ISBN: 978-84-9048-612-2

La Editorial UPV autoriza la reproducción, traducción y difusión parcial de la presente publicación con fines científicos, educativos y de investigación que no sean comerciales ni de lucro, siempre que se identifique y se reconozca debidamente a la Editorial UPV, la publicación y los autores. La autorización para reproducir, difundir o traducir el presente estudio, o compilar o crear obras derivadas del mismo en cualquier forma, con fines comerciales/lucrativos o sin ánimo de lucro, deberá solicitarse por escrito al correo edicion@editorial.upv.es

PORTUGUÊS	1061
1.-DigComp 2.0 - referencial para a competência digital intergeracional	1063
Maria Raquel Patrício e António Osório	
2.-Concepções históricas sobre educação e seus reflexos nos avanços tecnológicos das escolas públicas na Bahia	1075
Gilvanice Carneiro Pedreira, Maria da Conceição Nogueira Correia e Joaquim José Jacinto Escola	
3.-O cerimonial público e suas práticas nas duas maiores instituições federais de ensino do Distrito Federal: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília-IFB e Universidade de Brasília–UnB	1089
Juliana Viégas P. Vaz dos Santos, Erika de Oliveira Lima, Crisonéia Nonata Gomes dos Santos e Daniela Veiga de Oliveira	
4.-Jogos Sérios para aprendizagem em segurança	1103
Ferreira Cavalcanti, Janaina e Contero, Manuel	
5.-Ensino de combinatórias lexicais através de corpus	1113
Carla Sofia Lima Barreira Araújo	
6.-Atitudes de futuros educadores/professores face à Inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais: Um estudo comparativo entre Portugal e Tailândia	1123
Ana Paula Loução Martins, Paula Marisa Fortunato Vaz e Sasinan Sirithadakunlaphat	
7.-Educação para o empreendedorismo na integração intercultural	1125
Vitor Gonçalves, Paula Vaz; Ivone Fachada e Raquel Branquinho	
8.-Valores humanos emergentes em obras de literatura clássica de potencial recepção infantil	1137
Carla Guerreiro, Lídia Santos e Paula Vaz	
9.-A incidência dos jogos pedagógicos no desenvolvimento de atividades comunicativas em Inglês entre crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico.....	1147
Lídia Machado dos Santos	

Valores humanos emergentes em obras de literatura clássica de potencial receção infantil

Carla Guerreiro^a, Lídia Santos^b, Paula Vaz^c

^a Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal, carlaguerreiro@ipb.pt, ^bEscola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal, lidia.flavie@ipb.pt, ^cEscola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal, paulavaz@ipb.pt

Resumo

O presente estudo insere-se num projeto de investigação conjunto que envolve docentes de duas instituições de ensino superior, uma Portuguesa e outra Brasileira, a decorrer entre fevereiro e junho de 2017. Neste contexto, pretende-se, primeiramente, perceber que valores humanos emergem de um conjunto de obras de literatura clássica de potencial receção infantil previamente selecionadas. Assim, fez-se uma escolha apurada de um conjunto de obras de literatura para a infância de cariz clássico, mais especificamente, dos contos de Hans Christian Andersen, a saber: “As flores da Idinha”; “O abeto” e “O rouxinol”. No contexto de uma metodologia qualitativa, procedeu-se a uma análise minuciosa destas obras ao nível literário, estilístico, bem como ao nível dos valores humanos emergentes nos mesmos. Os contos foram posteriormente trabalhados através de duas estratégias narrativas - a representação e a leitura oral - por parte dos alunos do 2.º ano da Licenciatura em Educação Básica, com um público constituído por crianças dos 3.º e 4.º anos de escolaridade de um agrupamento de escolas do norte de Portugal. Após este trabalho, decorreu a exploração de cada conto através do estabelecimento de um diálogo alargado moderado pelos alunos da referida licenciatura e uma das investigadoras. Neste diálogo realizou-se o registo áudio, devidamente autorizado, das respostas dos alunos às questões levantadas, que foram previamente delineadas com o objetivo de auscultar as perceções dos alunos acerca dos contos, nomeadamente, no que concerne aos valores subjacentes. Trazem-se agora à discussão os resultados preliminares deste estudo.

Palavras-chave: *literatura para a infância, contos, valores.*

Introdução

Nas últimas décadas, a sociedade tem passado por inúmeras transformações ao nível económico, social, cultural e educativo. Vivemos num mundo que tantas vezes carece de mais respeito pelo outro, de diálogo, de afeto, de valores, tão imprescindíveis ao salutar convívio entre as pessoas. Ouvimos falar, de forma recorrente, numa profunda crise de valores.

Acresce que cada vez mais surgem preocupações relacionadas com o facto de atualmente, as crianças, tantas vezes, não interagirem entre si, pelo menos presencialmente, limitando-se ao uso de tecnologias de informação e comunicação e à interação virtual através de redes sociais. A família tem passado inúmeras reestruturações e a escola, enquanto instituição, sofre, inevitavelmente, com esta realidade. O trabalho mantém os pais cada vez mais ocupados e pouco tempo resta para estes se dedicarem aos seus filhos, acabando muitos deles por transferir para a escola a responsabilidade de os educar ou, pelo menos a esperança de que esta o faça.

Desta forma, a escola vê-se obrigada a abraçar o desafio de ensinar crianças e jovens, e de os formar dando-lhes, além de bases de conhecimento propriamente dito, bases de convívio em sociedade, chegando a transmitir noções básicas de respeito e convivência que já deveriam ter sido aprendidas em casa, com a família. Entretanto, deparamo-nos com outro problema: a escassez de projetos na maioria das escolas portuguesas do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) que procurem trabalhar questões como os valores, a ética em sala de aula. A falta de trabalho a estes níveis repercute-se mais cedo ou mais tarde em toda a sociedade.

Parece-nos evidente a necessidade de a escola, a par da família, se assumir como contexto promotor da construção de valores humanos. E para abraçar e concretizar este desafio consideramos que a literatura de potencial recepção infantil pode ser um dos veículos privilegiados.

Assim, no contexto deste estudo, alicerçamos o nosso trabalho na escolha de um *corpus textual* clássico, mais especificamente de contos de Hans Christian Andersen (1805-1875).

Escolhemos Andersen porque a sua escrita de potencial recepção infantil reflete o Romantismo do séc. XIX, em que se insere, revelando uma capacidade de observação penetrante e uma fantasia tão desprendida e tão extensiva, que se pode dizer que se apoderou dele. Os seus contos revelam um estilo vivo e inconventional cuja inspiração advém dos contos populares dinamarqueses - “Danske Folkeeventyr” - daí o seu estilo simples, comunicativo e sem ornamentação excessiva. Neles se mesclam dois universos: o poético ou fantástico e o realista, típico dinamarquês. A linguagem é despojada, embora não seja infantilizada, e responde ao seu modo de compreensão. O recurso expressivo base da sua construção textual é a animização: os animais, as plantas, as coisas inanimadas têm uma individualidade viva. O conhecido e o desconhecido são compreendidos do mesmo modo.

Para percebermos que valores emergem nos contos de Andersen importa, antes de mais,

destacar que valores são representações cognitivas dos objetivos ou motivações importantes para as pessoas, distinguindo-se, primeiramente, pelo objetivo motivacional que expressam (Schwartz, Sagiv & Boehnke, 2000). De acordo com Granjo e Peixoto (2013) é profunda a influência que eles exercem nas nossas vidas não só ao nível individual como também social, sendo inclusivamente elemento primordial na explicação do comportamento humano.

Schwartz et al. (2012) apresentam uma classificação dos valores humanos formada por 19 valores acompanhados da respetiva definição conceptual, elaborada tendo por base a motivação subjacente: auto-direção-pensamento (liberdade para cultivar as próprias ideias e habilidades); auto-direção-ação (liberdade para determinar as próprias ações); estimulação (excitação, novidade e mudança); hedonismo (prazer e gratificação para si próprio); realização (sucesso de acordo com os padrões sociais); poder-dominância (poder através do exercício de controlo sobre as pessoas); poder-recursos (poder através do controlo de recursos materiais e sociais); rosto (segurança e poder através da manutenção da imagem pública e evitando humilhação); segurança-pessoal (segurança no ambiente imediato); segurança-sociedade (segurança e estabilidade na sociedade em geral); tradição (manutenção e preservação das tradições culturais, familiares ou religiosas); conformidade-regras (cumprimento de regras, leis e obrigações formais); conformidade-interpessoal (restrição de ações que possam perturbar ou prejudicar outras pessoas); humildade (reconhecimento da sua insignificância no esquema maior das coisas); benevolência-dependência (ser um membro confiável e digno de confiança no grupo); benevolência-cuidado (devoção ao bem-estar dos membros do grupo); universalismo-preocupação (compromisso com a igualdade, justiça e proteção para todas as pessoas); universalismo-natureza (preservação do ambiente natural); universalismo-tolerância (aceitação e compreensão daqueles que são diferentes de si mesmo).

1. Metodologia

No contexto de uma metodologia qualitativa realizámos um estudo de carácter exploratório com os seguintes objetivos: 1) Perceber que valores humanos emergem em obras de literatura clássica de potencial receção infantil; 2) Compreender de que forma as crianças no 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) percebem estes valores; 3) Refletir sobre o papel do professor do 1º CEB, em contexto de sala de aula, na construção de valores.

Para a concretização destes objetivos selecionámos especificamente três contos de Anderson: “As Flores da Idinha”, “O Abeto” e “O Rouxinol”. Assim, começámos por fazer uma análise minuciosa dos três contos selecionados, ao nível literário e estilístico, assim como relativamente aos valores humanos neles emergentes.

A concretização prática no contexto do segundo objetivo foi realizada pelos alunos do 2.º ano da Licenciatura em Educação Básica da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, nos meses de maio e de junho de 2017, numa escola do 1º CEB da cidade de Bragança - nordeste de Portugal - tendo como público-alvo crianças dos 3.º e 4.º anos de

escolaridade (9-10 anos). Esta componente prática foi realizada ao abrigo de um protocolo previamente estabelecido com o Agrupamento de Escolas ao qual pertence a escola onde a mesma foi realizada, com autorização dos encarregados de educação das crianças envolvidas e sob a supervisão da docente da unidade curricular de Literatura Infantojuvenil e da professora titular da turma do 1.º Ciclo.

Foram formados três grupos de estudantes (mediadores de leitura) da referida licenciatura, cabendo a cada grupo apresentar e explorar um conto a uma turma em particular, partindo de uma determinada estratégia narrativa, tal como nos sugere Cerrillo (2011):

En la *promoción de la lectura*, como en la *animación a la lectura*, sobre todo cuando los destinatários de las mismas son niños o adolescentes, es muy importante la figura del *mediador* (...) El mediador es el puente o enlace entre los libros y esos primeiros lectores que propicia y facilita el diálogo entre ambos (Cerrillo, 2011, p. 277)

Independentemente da estratégia narrativa selecionada, todas as atividades se dividiram em três momentos: pré-leitura, leitura e pós-leitura. Na fase da pré-leitura, o objetivo visado foi, em larga medida, o de materializar um determinado horizonte de expectativas, estimular a leitura, suscitar a motivação e promover respostas pessoais. Relembramos Giasson (1993) que, ao apresentar as componentes relativas às estruturas do leitor, remete para os conhecimentos sobre o mundo, bem como os conhecimentos sobre a língua. Esta fase da pré-leitura envolveu processos de antecipação que permitiram fazer previsões, construir imagens mentais e concomitantemente raciocinar na ligação com os conhecimentos do presente e do passado. Em simultâneo, podemos afirmar que todos os processos foram exercitados no decorrer deste tipo de atividade, pois ao desenvolver-se o vocabulário, igualmente se perspectivam, quer os processos de integração, quer os de elaboração, os metacognitivos e até os microprocessos (Irwin, 1986).

Durante a fase da leitura, e atendendo a que o objetivo apontado era, em larga medida, o de estimular respostas pessoais, os contos foram trabalhados com base em várias estratégias narrativas: manipulação de fantoches, sombras chinesas, construção de álbum narrativo gigante e leitura oral expressiva. Todas estas atividades possibilitaram às crianças, com o apoio dos mediadores da leitura, um mais amplo e pormenorizado conhecimento do texto lido.

Na fase da pós-leitura, as atividades realizadas, visando estimular respostas pessoais e conduzir as crianças à inferência de valores presentes nos contos, foram as seguintes: brainstorming, diálogo orientado, seleção de citações estimulantes ou poderosas - “Powerful Passages”, (na expressão de Yopp & Yopp, 2001, p. 106), jogos de palavras - “Book Charts” (Yopp & Yopp, 2001, p.108) ou ilustração de passagens textuais mais significativas. Estas atividades ajudaram as crianças a resumir, com o recurso a elementos-chave, o essencial das narrativas, fosse por meio de citações estimulantes ou poderosas (frases ou parágrafos

entendidos como significativos pelo aluno e que merecem ser lembradas ou partilhadas com os restantes colegas), fosse por meio da ilustração do texto ouvido/visto ou de parte dele - “Sketch to Stretch” (Yopp & Yopp, op. cit.:109).

2. Resultados

2.1. Da análise literária e estilística dos contos à reflexão sobre os valores emergentes

Falar dos contos “O Abeto”, “O Rouxinol” e “As Flores da Idinha” é, sem dúvida, abordar um conjunto de questões – ideias, afetos, ansiedades – que lhes são transversais por termos, efetivamente, um conjunto de textos que espelham a mesma época literária, na qual a abundância de elementos efabulados, pertencentes ao mundo fantástico (fadas, gigantes, anões, bruxas, elfos, duendes, dragões, castelos encantados, poções, tesouros, fontes da juventude, países quiméricos e inebriantes), preenchia o imaginário de qualquer criança, depois de um dia de trabalho junto do pai ou da mãe. Sem dúvida, uma forma de alimentar o espírito daqueles que faziam da tradição oral um modo de formação/aprendizagem.

Assim sendo, o conto “O Abeto” apresenta-se sob a forma de metáfora – a vida de um abeto, naturalmente insatisfeito com o seu percurso, ora enquanto habitante da floresta, ora enquanto árvore de natal. O Abeto, por acreditar que os dias vindouros poderiam ser sempre melhores e trazer experiências mais enriquecedoras, descurou os momentos vividos no presente e assumiu uma posição de ansiedade perante um futuro distante e sem qualquer garantia de que pudesse ser melhor, futuro este, ilusoriamente imaginado, repleto de beleza, de ostentação, de brilho e de *glamour*, que afinal se revelaram muito efémeros.

O conto apresenta, pois, uma lição de vida (“Passado! Passado! Se me tivesse alegrado quando podia!”¹) sob a qual a própria personagem, o Abeto, reflete – devemos viver um dia de cada vez, como se fosse o derradeiro e sem manifestarmos qualquer ilusão em relação ao que nos poderá reservar o futuro.

Importa, neste contexto, salientar também a forma como o autor coloca em evidência a importância de se ouvirem os mais velhos, mais especificamente quando os raios de sol aconselham o abeto a alegrar-se com o seu fresco crescer e com a sua vida de jovem árvore. Se, em “O Abeto”, a personagem principal é uma árvore, em “O Rouxinol” não deixamos de ter um elemento ligado à natureza no papel mais relevante – uma ave - assim como espaços manifestamente ligados à natureza – o bosque, o jardim (também elementos transversais ao conto “As Flores da Idinha”). E tal como o abeto, também as flores e o rouxinol “murcham” fora do seu habitat natural. Aliás, o rouxinol perde a vontade de cantar atado às doze fitas que lhe controlavam os movimentos nos passeios fora da gaiola; o abeto fica seco no sótão,

¹ Andersen, H.C.(2004). *Contos de Hans Christian Andersen*. Lisboa: Público, p. 122.

após a festa de natal e as flores cortadas não recuperaram, apesar dos tratamentos feitos pela criança.

Se, por um lado, a natureza se deseja livre para sobreviver (em qualquer um destes contos), poderá, por outro lado, conduzir as personagens ao arrependimento ou à reflexão – ideia que se aplicará à doença do imperador e ao abeto. Embora o imperador tenha recuperado devido ao canto da ave e ao seu perdão, o abeto não logrou alcançar o mesmo patamar de bem estar por já estar cortado. Isto significa que nos contos de Andresen, por nós selecionados, a natureza assume um caráter panteísta, sendo dotada de pensamentos, afetos, emoções, capaz de sofrer e, ao mesmo tempo de remeter o ser humano para a reflexão.

Desta forma, parece evidente que dos três contos emerge de forma clara, principalmente, um valor humano, o universalismo-natureza no sentido, definido por Schwartz et al. (2012), da preservação da natureza. Ficam claros em “O Abeto” a dor e o sofrimento da mãe natureza, neste caso, personificada no abeto, quando é sacrificado em nome de efémeros momentos de prazer e ilusórios momentos de alegria.

Por fim, vieram os criados e cortaram a árvore em pequenos pedaços. Ficou ali em monte. Ardia lindamente sob a grande vasilha para fazer cerveja que lhe tinham posto em cima, e suspirava profundamente. (...) Pensava na noite de Natal... Os rapazes brincavam no pátio e o mais pequeno tinha no peito a estrela dourada que a árvore exibira na sua noite mais feliz. Agora esta já era passado... (Andersen, 2004, pp. 122-123)

São, assim, postas a nu algumas conseqüências devastadoras do abate de árvores, nomeadamente, na época natalícia, com o único propósito de servirem de ornamento natalício, acabando posteriormente por arder numa fogueira.

Em “O Rouxinol” este valor torna-se ainda mais evidente quando a beleza e o poder na mãe natureza, personificada no rouxinol, se sobrepõem ao fausto, ao luxo, ao artificialismo, e ao poder que, afinal, nem tudo consegue, nem tudo permite, nem tudo nos dá. Por mais poder que o imperador tivesse, foi a riqueza da natureza, neste caso o rouxinol, que o salvou. E note-se que, no meio do seu poder e do seu luxo, o imperador nunca se tinha apercebido de tal beleza, de tal riqueza que era este rouxinol, que cantava todas as noites ali tão perto. E neste conto a natureza surge também como forma de transmissão de uma mensagem de esperança:

Era o rouxinolzinho vivo que pousara num ramo lá fora. Tinha sabido da agonia do seu imperador e viera para lhe cantar consolação e esperança. E à medida que cantava esvaneciam mais e mais as figuras, o sangue corria mais e mais rápido nos fracos membros do imperador... (Andersen, 2004, p. 284).

Em “As Flores da Idinha” o mesmo valor é-nos transmitido, um pouco à semelhança de “O Abeto”, por via das conseqüências irreversíveis do mal que se faz à mãe natureza. Uma vez

cortadas, por maior boa vontade que tenhamos, por mais que litemos, a sua beleza fica para sempre irremediavelmente perdida e muitos dos seus benefícios ficarão para sempre negados. Sendo bem tratada, a natureza alegra-se e alegra-nos com a sua beleza. Importa acrescentar que neste conto, não obstante a irreversibilidade da morte, fica a ideia de esperança (à semelhança do que acontece em “O Rouxinol”) e de renovação, bem como a ideia de que a partir de uma vida, outra vida pode surgir. Em “As Flores da Idinha”, as flores morrem, mas as suas sementes irão, em breve, gerar uma nova vida.

Para além da presença constante da natureza nos três contos, verifica-se o recurso aos diálogos entre as personagens humanas, bem como entre as personagens e elementos da natureza personificados, bem como a presença de crianças, concretamente em “O Abeto” e em “As Flores da Idinha”. Neste último, a criança aceita e dá continuidade à fantasia, cuidando das flores como se fossem de carne e osso.

Transversal a este conjunto de contos é também o facto de as personagens não possuírem qualquer designação e serem personagens planas, criadas com o objetivo de proporcionar um ensinamento, através de uma situação, muitas vezes, igualmente por si desencadeada. Consideramos que é também pertinente, neste ponto, referirmo-nos ao registo marcadamente oral que cada um dos contos revela. Expressões como “Olha, sabes os que têm?”², “Nós sabemos! Nós sabemos!”³ ou ainda “Música, música!”⁴, são apenas alguns dos muitos exemplos que nos remetem para o carácter oral e dialógico dos contos – aspeto este que, sem dúvida, nos envolve na tradição oral do séc. XIX, em que o conto assumia uma base educativa e cívica junto das crianças.

Em questões de tempo e espaço, os contos aqui em análise, vão ao encontro dos padrões habituais, ou seja, uma indefinição como se as expressões - “Já lá vão muitos anos”⁵; “Dentro do bosque erguia-se um bonito abeto”⁶ – que não apontam para um tempo cronológico preciso ou um espaço geográfico definido - fossem suficientes para reter a atenção do ouvinte e o situar porque, na verdade, importante é a mensagem que veiculam.

² Andersen, H.C.(2004). *Contos de Hans Christian Andersen*. Lisboa: Público, p. 225.

³ Andersen, H.C.(2004). *Contos de Hans Christian Andersen*. Lisboa: Público, p. 115.

⁴ Andersen, H.C.(2004). *Contos de Hans Christian Andersen*. Lisboa: Público, p. 284.

⁵ Andersen, H.C.(2004). *Contos de Hans Christian Andersen*. Lisboa: Público, p. 275

⁶ Andersen, H.C.(2004). *Contos de Hans Christian Andersen*. Lisboa: Público, p. 113

2.2. Breves considerações sobre a componente prática: a voz das crianças

No contexto da componente prática de exploração dos contos, e sendo esta componente apenas de carácter exploratório, trazem-se à discussão os aspetos que nos parecem mais pertinentes. As nossas considerações baseiam-se nas gravações áudio que foram feitas no final de cada uma das sessões do projeto implementado na Escola Básica de 1.º Ciclo.

Assim, em relação ao conto “O Rouxinol”, efetivamente, nenhuma criança percecionou na sua plenitude, e de forma direta, o valor que assinalámos anteriormente - universalismo-natureza. No entanto, conduzidos pelos mediadores, é unânime o reconhecimento e a valorização do rouxinol verdadeiro escolhido por todas as crianças como a personagem que gostariam de interpretar se tivessem oportunidade. Esta escolha é justificada por uma criança pelo facto de se tratar de um ser vivo, justificação esta que é aceite pelas restantes crianças. É ainda salientado o facto de o rouxinol verdadeiro voltar para junto do imperador e o salvar da morte.

No conto “As Flores da Idinha”, as crianças aproximaram-se bastante da percepção do valor por nós identificado anteriormente - universalismo-natureza. Através do diálogo orientado pelos mediadores de leitura, todas as crianças reconheceram a importância da conservação do ambiente natural e a relevância de preservar as espécies, nomeadamente, as flores, no seu ambiente, pois cortá-las provoca a sua “morte” precoce. Salientamos também a faceta mágica do conto - apresentando o baile das flores como a justificação para o facto de elas murcharem, o que agradou às crianças, indo ao encontro da sua imaginação e criatividade.

Por último, no conto “O Abeto”, todas as crianças, sempre com a orientação dos mediadores de leitura, chegaram a uma das conclusões pretendidas: o abeto era um ser “mal-agradecido” que nunca estava satisfeito com nada e a sua ânsia de desejar sempre o futuro não o deixava desfrutar e viver com prazer o presente, tendo desperdiçado toda a sua vida. À imagem do que aconteceu com o primeiro conto, nenhuma criança percecionou na sua totalidade o valor que identificámos - universalismo-natureza.

3. Considerações finais

Após a exposição anteriormente enunciada, acreditamos que se torna pertinente assinalar que os três contos lidos e analisados são, manifestamente, atemporais no que respeita à transmissão de valores e nas questões ambientais em geral - fauna e flora - na descrição das quais predomina o animismo ou personificação. Percebe-se, pois, que, possivelmente, o grande objetivo do narrador terá sido conseguir uma aproximação entre as experiências relatadas pelas personagens/narrador e o público destinatário, de forma a criar um ambiente que remetesse para a reflexão, numa época em que a palavra oral desempenhava um papel crucial na formação humana e cívica da Criança.

Dos dados obtidos através das gravações, é perceptível o carácter atemporal das mensagens veiculadas pelos contos, bem como a riqueza axiológica e a reflexão a que estes contos

convidam, apesar de escritos/compilados no séc. XIX, daí ter-mo-los escolhido para partilhar com as crianças do séc. XXI.

Em termos do público destinatário do projeto - crianças dos 3.º e 4.º anos - verificámos que elas não perceberam na sua globalidade o valor universalismo-natureza. Contudo, importa referir que esta situação era expectável, pois, nesta fase etária, a Criança necessita ser conduzida no seu processo de reflexão. Residiu precisamente aqui o ponto de partida para definirmos o nosso terceiro objetivo.

Desta forma consideramos que, neste contexto, e a partir daqui, o professor tem um importante papel de orientação na construção de valores, nomeadamente a partir daqueles que emergem em obras de literatura de potencial receção infantil. Para tal, o professor não necessitará de os identificar tal e qual constam na classificação que apresentamos, mas levará cada criança a perceberem-nos no contexto dos três momentos anteriormente explanados: pré-leitura, leitura e pós-leitura. O professor pode fazê-lo, levando-as, em contexto de exploração do conto, a perceber os valores emergentes nos mesmos e colocando questões que levem à reflexão. Por sua vez, também podem orientar o diálogo, no sentido da colocação de questões e da compreensão do(s) valor(es) propriamente dito(s), no conto em questão, e à sua extrapolação para outras situações do quotidiano infantil. A articulação entre este processo de construção, com a aprendizagem de conteúdos relacionados com outras áreas do conhecimento (neste caso, para os contos que aqui trabalhamos, destacaríamos as Ciências da Natureza) parece-nos não só possível como desejável.

Os mediadores de leitura, no contexto deste estudo foram, como referido, os alunos do 2.º ano de uma Licenciatura em Educação Básica (curso que dá acesso aos mestrados de profissionalização para a docência em Educação Pré-Escolar e Educação Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico). São, portanto, ainda, estudantes em formação. Desta forma, também eles foram conduzidos, antes da implementação das atividades com as crianças, a um processo de reflexão acerca da forma como poderiam explorar os contos e contribuir para que cada criança percebesse os valores emergentes nos mesmos.

Assim, para além de termos trazido à discussão a questão dos valores emergentes em obras de literatura de potencial receção infantil, e de termos, ainda numa fase exploratória, ouvido aquela que é a forma como as crianças os percebem, consideramos ter contribuído também para a formação destes futuros docentes, no sentido em que os levámos a perceber de que forma pode o professor assumir um papel primordial na construção de valores por parte das crianças.

4. Referências

Andersen, H.C. (2004). *Contos de Hans Christian Andersen*. Lisboa: Público.

Azevedo, F. (Coord.). (2007). *Formar leitores: das teorias às práticas*. Lisboa: Lidel.

Calvin, I. (2000). *Why read the classics?* London: Vintage.

Cerrillo, P., & Yubero, S. (2011). Libros, lectores y mediadores. In P. Cerrillo (Ed.), *La formación de mediadores para la promoción de la lectura*. Cuenca: Universidad de Castilla-la-Mancha.

Giasson, J. (1993). *A Compreensão na leitura*. Porto: Edições Asa.

Granho, M., & Peixoto, F. (2013). Contributo para o estudo da Escala de Valores Humanos de Schwartz em Professores. *Laboratório de Psicologia*, 11(1), 3-17.

Irwin, J. W. (1986). *Teaching reading comprehension process*. Englewood, New Jersey: Prentice-Hall.

Lajolo, M. (1990). *O que é Literatura*. 12.^a ed. Brasília: Editora Brasiliense

Schwartz, S., Sagiv, L., & Boehnke, K. (2000). Worries and values. *Journal of Personality*, 68(2), 309-346.

Schwartz, S., Vecchione, M., Fischer, R., Ramos, A., Demirutku, K., Dirilen-Gumus, O., Cieciuch, J., Davidov, E., Beierlein, C., Verkasalo, M., Lonnqvist, J., & Konty, M. (2012). Refining the theory of basic individual values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103(4), 663-688.

Yopp, R. H. & Yopp, H. K. (2001). *Literature-based reading activities*. Plymouth: Allyn & Bacon.